

# Conversando sobre aulas remotas em uma escola pública de ensino integral, em tempos de pandemia

*Robson Potier*

# 17

**D**iante da oportunidade de ter contato com as inúmeras e riquíssimas reflexões, problematizações, proposições, proporcionadas ao longo das dez janelas virtuais organizadas para o II Ciclo de Diálogos - Universidade e Escola, que nesta edição abordou o tema Cenários em tempos de pandemia, busquei contribuir levando alguns relatos e provocações à Janela de Diálogos 9 – Desafios do ensino remoto para jovens e adolescentes.

Os pontos abordados em minha fala referiram-se ao período de isolamento social decorrente da pandemia do novo coronavírus (2020) e tiveram como base algumas das experiências, de implementação de estratégias para a aplicação de atividades remotas junto aos alunos do Ensino Médio Integral na Escola Estadual Professor Hilton Gurgel de Castro, em São José do Mipibú, onde leciono História em regime de 40 horas semanais.

Inicialmente, busquei situar a Hilton Gurgel como uma escola de periferia em um município da Grande Natal, sendo essa uma unidade escolar que atende a um público ligado a comunidades com altos índices de vulnerabilidade socioeconômica. Diante de tal cenário, busquei sublinhar as dificuldades materiais que os alunos e suas famílias, muitas vezes, encontram para possuir meios de comunicação (internet, computador, celular) capazes de garantir um acesso de qualidade às atividades remotas propostas pela escola. Ainda assim, ressaltei que um levantamento inicial conduzido pela gestão da escola apurou que 81 dos 104 aluno(a)s matriculado(a)s possuíam algum canal de internet e algum tipo de equipamento para acessá-lo.

Para além das precariedades materiais detectadas, um dos fatores que se apresentou

como obstáculo inicial para que nossos alunos e alunas aderissem às aulas e atividades remotas foi a falta de costume para estudar em casa. Entra aí a primeira provocação que busquei levar àquela Janela de Diálogos: segundo argumentações proferidas pelos próprios alunos e alunas, nunca lhes havia sido demandada uma rotina de estudos no ambiente de casa. Muitos alunos e alunas descreveram seus lares como especialmente pequenos para abrigarem muitas pessoas, entre as quais, pais, avós e irmãos, muitas vezes numerosos. Como, infelizmente, não é de se estranhar em nossa sociedade estruturalmente machista, muitas alunas também reclamaram que, uma vez confinadas em casa, eram atribuídas a maioria das atividades domésticas, o que incluía cuidar de irmãos mais jovens.

Somam-se aos fatores expostos o fato de que se criou, historicamente, sobretudo em nossas escolas públicas, certa mentalidade que leva os alunos a crerem que só precisam debruçar-se sobre os estudos em períodos avaliativos que, apesar de todos os avanços alcançados pelos estudos sobre avaliação e planejamento dos processos de ensino e aprendizagem, ainda ocorrem majoritariamente, de maneira somativa e ranqueadora, nas famosas “semanas bimestrais de provas”. É diante desse cenário que entra a segunda provocação por mim levantada: no início do processo de ensino remoto a maioria dos nossos alunos questionou se suas respectivas participações seriam quantificadas em forma de nota bimestral. Ao serem informados de que seu engajamento não “valeria nota”, muitos alunos e alunas simplesmente declararam que não participariam das atividades.

Foram necessárias diversas revisões de

estratégias para a condução de atividades remotas até conseguirmos que gradativamente mais alunos se dispusessem a aderir ao novo formato. Dentre as estratégias que nossa escola pode apontar como exitosas, podemos citar: 1. Passamos a promover aulas virtuais dialogadas através Google Meet, seguidas de atividades que demandariam pesquisas e deveriam sempre ser entregues na semana seguinte; 2. Ao invés de aulas por disciplina, passamos a planejar aulas interdisciplinares organizadas por área de conhecimento (Humanas, Exatas, Ciências da Natureza); 3. No caso das aulas de Ciências Humanas, foram realizadas enquetes que consultaram os alunos sobre quais temáticas eles gostariam que fossem abordadas. Isso atraiu os alunos para discussões que eles foram passando a considerar relevantes para as suas respectivas vidas práticas.

Finalmente, diante do relato desses fragmentos de experiências ainda em andamento, busquei levantar as seguintes reflexões: 1. O contexto da pandemia obrigou professores, alunos e comunidade escolar a reinventarem suas práticas, portanto, precisamos estar atentos e dispostos a registrar e refletir sobre essas mudanças; 2. A pandemia também deu visibilidade realçada a antigos vícios e más práticas pedagógicas que muitas vezes naturalizamos e reproduzimos sem perceber. Entre essas práticas, encontramos a equivocada noção de que só tem valor pedagógico a atividade escolar que for quantificada por nota. 3. Diante das mudanças e aprendizagens demandadas pelo momento atual, precisamos nos preparar para rever grande parte da estrutura de ensino até então tidas como “normais” na maioria das nossas escolas.

Há muito trabalho a ser realizado.